



O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: realidade e apontamentos para uma educação de qualidade visando uma universidade de destaque, ensino presencial e o crescimento do ensino à distância - EAD

Higher education in brazil: reality and notes for quality education aimed at a prominent university, classroom teaching and the growth of distance learning - dl.

Daniel Lopes Gameiro Ferreira¹, Yane Nogueira Severo Gameiro²

RESUMO

O estudo visa demonstrar, de forma sintética, alguns traços da realidade da educação superior no Brasil e apontar o mínimo necessário para um ensino de qualidade. O que se percebe nos últimos anos é que os governos se preocuparam em ampliar a oferta de vagas na escola básica sem se preocuparem com mecanismos de melhoria da qualidade do ensino, mormente o superior. Da análise do rendimento dos alunos no ENEM e dos professores em universidades públicas, é possível notar a falta de responsabilidade e de investimentos nas escolas superiores. Nesse ponto vale lembrar a frase do célebre educador Darcy Ribeiro: A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto. Diante desse cenário, a melhor solução seria um investimento sério no processo de formação dos gestores dos sistemas educação e das próprias escolas. Melhores e maiores investimentos na infraestrutura escolar e na formação e valorização dos profissionais da educação, o que passaria pelo aumento da oferta de vagas nas universidades públicas para uma melhor formação de professores e o desenvolvimento de todo um sistema de formação continuada de educadores e gestores. Apesar de a lógica apontar para essas medidas, na atual conjuntura política percebemos a tendência de grupos políticos quererem um retrocesso quando nos referimos à educação. O que é inconcebível, ao passo que a qualidade da educação está fortemente aliada à qualidade da formação dos professores, pois o que professor pensa determina o que ele faz quando ensina. Palavras-Chave: ensino superior. universidade. qualidade do ensino.

ABSTRACT

The study aims to demonstrate, in a synthetic way, some features of the reality of higher education in Brazil and to point out the minimum necessary for quality education. What has been perceived in recent years is that governments have been concerned with expanding the offer of places in primary school without being concerned with mechanisms for improving the quality of education, especially higher education. From the analysis of the performance of students at ENEM and of teachers at public universities, it is possible to note the lack of responsibility and investment in higher schools. At this point, it is worth recalling the phrase of the famous educator Darcy Ribeiro: The crisis in education in Brazil is not a crisis; it's a project. Given this scenario, the best solution would be a serious investment in the process of training managers of the education systems and of the schools themselves. Better and greater investments in school infrastructure and in the training and valuation of education professionals, which would involve increasing the offer of places in public universities for better training of teachers and the development of an entire system of continuing education for educators and managers. Although the logic points to these measures, in the current political situation we perceive the tendency of political groups to want a setback when it comes to education. This is inconceivable, whereas the quality of education is strongly linked to the quality of teacher training, because what a teacher thinks determines what he does when he teaches. Keywords: higher education. University. quality of teaching.

¹ Inserir aqui a titulação, vínculo e e-mail do primeiro autor

² Inserir aqui a titulação, vínculo e e-mail do segundo autor caso houver

1. INTRODUÇÃO

O termo educação etimologicamente significa educare (conduzir). Nesses termos podemos compreendê-lo como processo de formação (condução) do homem.

Poder-se afirmar que educação, do verbo educar, significa “trazer à luz a ideia” ou, filosoficamente, fazer a criança passar da potência ao ato, da virtualidade à realidade (MARTINS, 2009).

Numa época onde o valor da educação formal, do conhecimento e da informação é universal, vários desafios se colocam às instituições, principalmente às universidades privadas, de onde se espera um maior investimento tecnológico e pessoal.

Atualmente, dá-se uma maior importância aos processos permanentes de aprendizado e a maior razão para tanto é o fato de o saber exigir a busca constante pelo conhecimento.

O saber não mais durar uma geração, de modo que não podemos mais confiar a apenas uma pequena etapa da vida o processo de aprender. O conhecimento nos toma a vida inteira, temos que estar sempre em aprendizado para que possamos atuar de forma diferenciada, notadamente no mercado de trabalho.

A escola formal passa a ser somente a primeira etapa e nela não se vai transferir apenas um conjunto mais ou menos estanque de conteúdos com os quais se podiam dar conta da vida. Agora, ela vai principalmente desenvolver a capacidade de aprender por si só. Aprender a aprender é o desafio.

É positivo que exista cada vez mais, durante toda a vida dos indivíduos, o maior contato com práticas de formação e educação, o trabalho incessante de atualização, pois é a intensificação da vivência cultural que permitirá uma melhor relação com toda a potencialidade da vida. A complexidade e a competitividade cada vez maior no mundo, assim exigem.

A constatação de que é o capital humano educado e preparado que conduz ao desenvolvimento econômico e social em um mundo globalizado, nos inclina à busca da melhor forma de se alcançar tal conhecimento, principalmente no Brasil, país em construção e repleto de carências. E o que resulta desse panorama é o sentimento de urgência em aumentarmos o nível educacional da nossa população.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PANORAMA GERAL DO ANALFABETISMO E O NÍVEL DE INSTRUÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA NOS ÚLTIMOS 05 (cinco) ANOS.

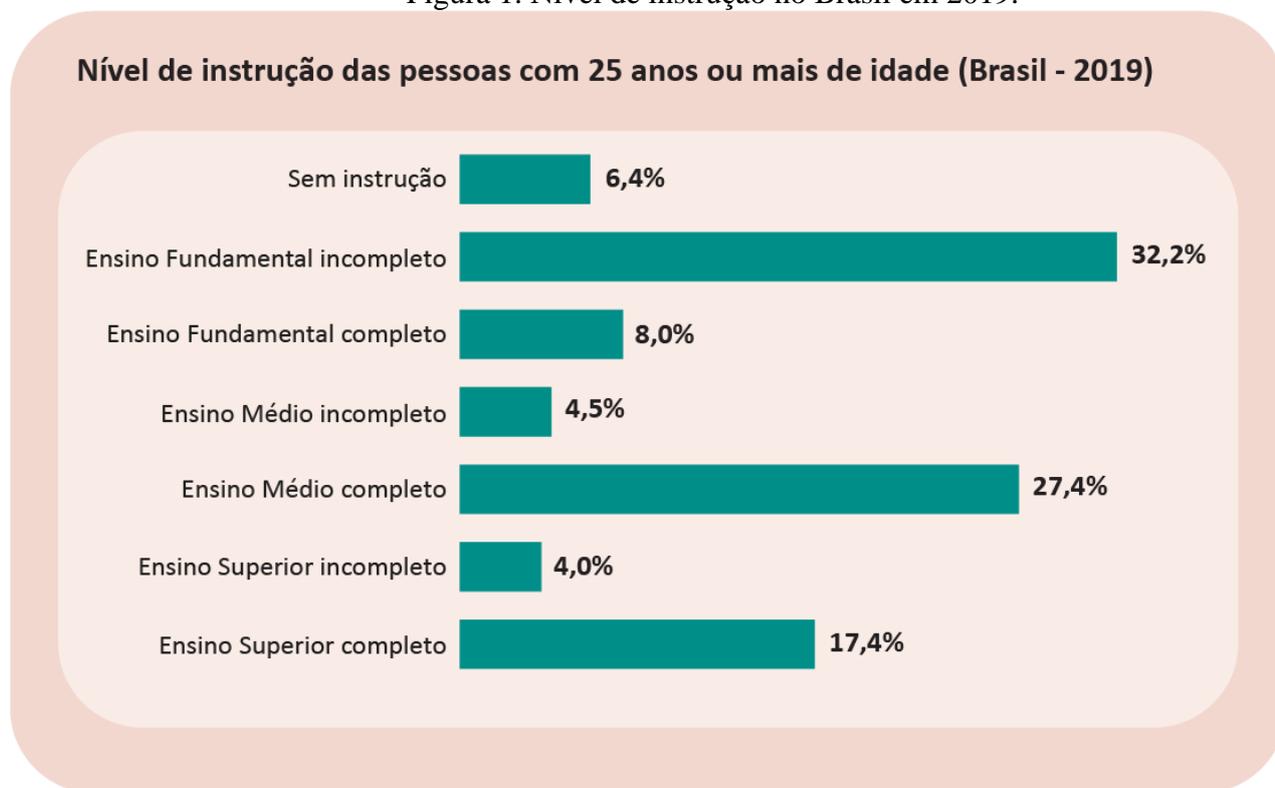
A Constituição de 1988 tornou a educação básica obrigatória. Hoje, após alterações feitas pela EC n. 59/2009, o texto constitucional passou a prever o acesso gratuito à educação a partir da pré-escola, aos quatro anos de idade, até o fim do Ensino Médio, mas deixou de fora o Ensino Superior e as creches. Dessa forma, o Ensino Fundamental e Médio tem-se que suprir a demanda de educação, o que não consegue.

No que tange ao Ensino Superior, o governo até oferece instituições de ensino públicas, porém, as instituições particulares têm espaço para ampliar a oferta e atrair as pessoas que não conseguem ingressar nas públicas, que têm vagas limitadas.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6 % (11 milhões de analfabetos).

Considerando o nível de instrução estimado para as pessoas de 25 anos ou mais de idade, pois pertencem a um grupo etário que já poderia ter concluído o seu processo regular de escolarização, verificou-se que a Região que apresentou a maior taxa de analfabetismo foi a do Nordeste, com 13,9%, o que representa aproximadamente quatro vezes maior as taxas estimadas para as Regiões Sudeste e Sul (ambas com 3,3%). Na Região Norte essa taxa foi 7,6 % e no Centro-Oeste, 4,9%.

Figura 1. Nível de instrução no Brasil em 2019.



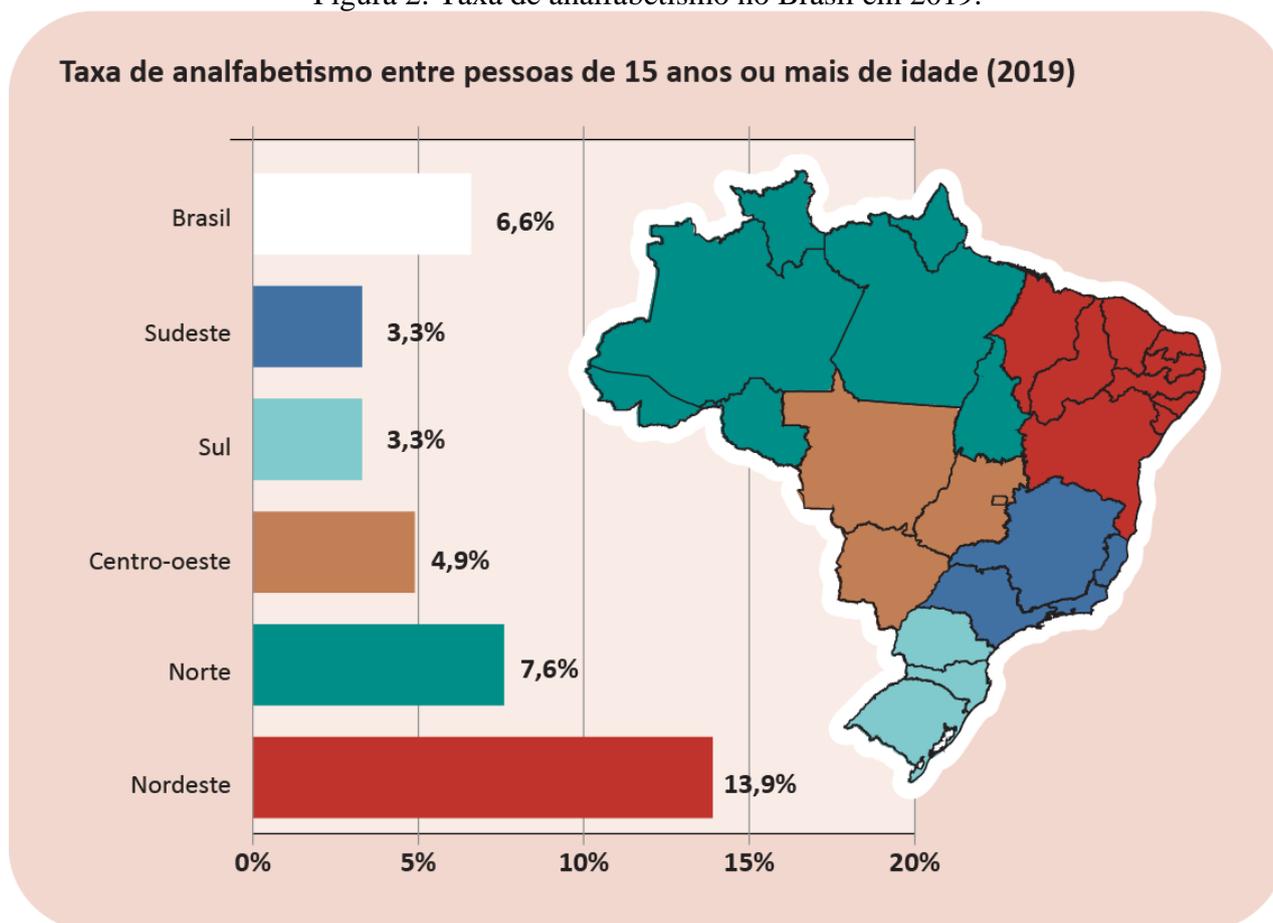
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

No Brasil, a proporção de pessoas de 25 anos ou mais de idade que finalizaram a educação básica obrigatória, ou seja, concluíram, no mínimo, o ensino médio, passou de 47,4%, em 2018, para 48,8%, em 2019.

Ainda em 2019, 46,6% da população de 25 anos ou mais de idade estava concentrada nos níveis de instrução até o ensino fundamental completo ou equivalente; 27,4% tinham o ensino médio completo ou equivalente; e somente 17,4%, o superior completo.

A taxa de analfabetismo para os homens de 15 anos ou mais de idade foi 6,9% e, para as mulheres, 6,3%. Para as pessoas pretas ou pardas (8,9%), a taxa de analfabetismo foi mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas (3,6%).

Figura 2: Taxa de analfabetismo no Brasil em 2019.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

Quando as pesquisas se dirigem especificamente para a instrução no nível superior, objeto deste estudo, o que se conclui é que apenas 17,4% desse universo concluiu o ensino superior.

Convém mencionar que apenas 36% dos alunos oriundos da rede pública adentram numa faculdade. Na rede privada, esse percentual dobra, ficando em torno de 79,2%. Os números foram divulgados pelo IBGE na Síntese de Indicadores Sociais 2018. Assim, percebe-se que a desigualdade no acesso à educação ainda é facilmente demonstrada nos dados coletados pelo IBGE.

2.2 O ENSINO UNIVERSITÁRIO NO BRASIL

No histórico educacional brasileiro, percebemos que até o final da década de 70 e início dos anos 80, o ensino universitário era praticamente monopolizado pelo Estado, que oferecia cursos em instituições federais, estaduais e municipais.

No entanto, com o aumento gradativo da demanda por vagas, a incapacidade de aumento da oferta oficial e o colapso do papel do Estado na última década, a oferta pública se tornou insuficiente. E disso decorreu o aumento da participação das instituições privadas. Mas, é somente a partir do meio da última década que esse cenário se torna mais evidente.

De acordo com dados registrados pelo Censo da Educação Superior de 2019, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 23 de outubro de 2019, mais de 6,3 milhões de alunos estudam em instituições particulares, o que significa uma participação de 75,8% do sistema de educação superior. Nesse sentido, a cada quatro estudantes de graduação, três frequentam estabelecimentos de ensino privados.

Ainda com referência aos dados do INEP, ao todo, há 2.608 instituições de educação superior no Brasil. Dessas, 88,4% (2.306) são privadas e 302, públicas. O Censo da Educação Superior mostra ainda que a rede privada ofertou 94,9% do total de vagas para graduação, em 2019, enquanto a rede pública disponibilizou 5,1% das oportunidades.

O número de alunos vem crescendo a taxas de 10% nos últimos anos, a maior parte conseguindo vaga em universidades particulares. Apesar desse salto significativo em termos nacionais, continuamos deficitários se comparados a outros países, principalmente os desenvolvidos.

Na faixa etária de 20/24 anos, a Argentina tem cerca de 30% da população cursando o ensino superior, já os EUA têm 60%.

No Brasil ainda estamos abaixo dos 10% da população na mesma faixa. Isso dá a medida de como ainda estamos longe de um nível de educação que possa impulsionar definitivamente o desenvolvimento do país e aponta para as nossas necessidades futuras imediatas, já que vivemos num mundo onde a educação apresenta valor hegemônico para o desenvolvimento dos indivíduos e países.

No que tange ao perfil dos professores, o Censo de Educação Superior mostra qual o perfil dos professores que lecionam em cada tipo de instituição. Nas públicas, a maior parte tem doutorado e trabalha em regime de dedicação integral.

Na rede privada, o mais comum é que sejam mestres, em contrato por tempo parcial (ou seja, podem dar aula em mais de uma faculdade).

Neste aspecto, de acordo com Eliane da Costa Bruini, Colaboradora Brasil Escola Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, em artigo publicado no endereço eletrônico: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>:

O desenvolvimento dos professores é uma pré-condição para o desenvolvimento da escola e, em geral, a experiência demonstra que os docentes são maus executores das ideias dos outros. Nenhuma reforma, inovação ou transformação – como queira chamar – perdura sem o docente.

É preciso abandonar a crença de que as atitudes dos professores só se modificam na medida em que os docentes percebem resultados positivos na aprendizagem dos alunos. Para uma mudança efetiva de crença e de atitude, caberia considerar os professores como sujeitos. Sujeitos que, em atividade profissional, são levados a se envolver em situações formais de aprendizagem.

Mudanças profundas só acontecerão quando a formação dos professores deixar de ser um processo de atualização, feita de cima para baixo, e se converter em um verdadeiro processo de aprendizagem, como um ganho individual e coletivo, e não como uma agressão.

Certamente, os professores não podem ser tomados como atores únicos nesse cenário. Podemos concordar que tal situação também é resultado de pouco engajamento e pressão por parte da população como um todo, que contribui à lentidão. Ainda sem citar o corporativismo das instâncias responsáveis pela

gestão – não só do sistema de ensino, mas também das unidades escolares – e também os muitos de nossos contemporâneos que pensam, sem ousar dizer

em voz alta, “que se todos fossem instruídos, quem varreria as ruas?”; ou que não vêem problema “em dispensar a todos das formações de alto nível, quando os empregos disponíveis não as exigem”.

Enquanto isso, nós continuamos longe de atingir a meta de alfabetizar todas as crianças até os 8 anos de idade e carregando o fardo de um baixo desempenho no IDEB. Com o índice de aprovação na média de 0 a 10, os estudantes brasileiros tiveram a pontuação de 4,6 em 2009. A meta do país é de chegar a 6 em 2022.³

³ BRUINI, Eliane da Costa. "Educação no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>. Acesso em 30 de maio de 2019.

Com efeito, o fato é que a qualidade da educação está fortemente aliada à qualidade da formação dos professores. Outro fato é que o que o professor pensa sobre o ensino determina o que o professor faz quando ensina.

2.3 CARACTERÍSTICAS DAS BOAS ESCOLAS/UNIVERSIDADES

Sabe-se que existem padrões de base ou padrões mínimos que devem ser alcançados por todos e sem os quais nenhuma instituição pode ser considerada útil para a sociedade.

Todos os sistemas de educação devem ter mecanismos de controle de qualidade externos à escola, com o propósito de garantir que padrões básicos do ensino sejam atingidos por todas as escolas, nesse sentido é importante que existam agências responsáveis por essa finalidade e funcionem de verdade.

Porém, uma boa escola não deve se pautar pelo mínimo, deve sempre buscar a excelência com objetivos e metas mais altas, lógico que observando os modestos recursos e possibilidades de algumas instituições e, em contrapartida, o alto potencial de outras.

Dentre as características de uma boa universidade, Clemente Ivo Juliatto, na obra “A universidade em busca da excelência, um estudo sobre a qualidade da educação” aponta *o comprometimento com as normas e metas, clara e coletivamente identificadas, bem como o planejamento cooperativo, decisão partilhada, trabalho colegiado num ambiente de experimentação e avaliação. É importante a participação, adesão, cooperação no interior da comunidade acadêmica, formada pelos professores, alunos e administradores.*

As boas escolas exigem mestres dedicados e competentes, com alunos que se empenham ao máximo. Tem que haver o comprometimento de ambos para a consecução do mesmo caminho, a excelência.

Anastasiou e Pimenta (2002, p.11-12) afirmam que:

... os professores são profissionais essenciais nos processos de mudança das sociedades. Se forem deixados à margem, as decisões pedagógicas e curriculares alheias, por mais interessantes que possam parecer, não se

efetivam, não geram efeitos sobre a sociedade. Por isso é preciso investir na formação e no desenvolvimento profissional dos professores.

Mais à frente, as referidas autoras aduzem:

A preparação pedagógica para o exercício da docência tem sido discutida no Brasil, porém, ainda encontramos poucos estudos e pesquisas sobre a formação do profissional da educação superior. As exigências legais quanto à atuação do professor em nível superior em diferentes contextos institucionais determinam que:

A exigência de que todas as instituições de ensino superior tenham um mínimo de 30% de seus docentes titulados na pós-graduação aponta para o fortalecimento desta como o lugar para formação do docente. A par da questão legal, a docência universitária constitui tema relevante em diferentes países e no nosso, se admite a necessidade de as instituições de nível superior desenvolverem programas de preparação de seus professores para o exercício da docência. Preparo este que os ponha a par da problemática e da complexidade do ensinar e do formar no ensino superior; do formar profissionais, do formar pesquisadores e do formar professores. (ANASTASIOU, PIMENTA, 2002, p. 23-24).

Por outro lado, não podemos olvidar que o progresso, a conquista e a manutenção da excelência educacional nas instituições de educação superior dependem, em grande parte, do desempenho dos administradores acadêmicos que, em última análise são os responsáveis por orientar a caminhada que leva a esta direção.

Depreende-se, portanto, que a qualidade no âmbito institucional envolve toda a comunidade acadêmica, não obtendo o sucesso apenas com alguns poucos agentes institucionais.

Ela requer a pronta cooperação e comprometimento de todos que integram a comunidade da escola. O papel dos administradores na busca da qualidade consiste em prover as adequadas condições do pleno desenvolvimento tanto na alocação de recursos como no desenvolvimento das políticas que a ela conduzam.

Assim, conclui-se que a realização da qualidade educacional requer esforço e empenho discente, ensino competente, políticas acadêmicas relevantes, forte liderança e apoio e condizentes recursos. Cada seguimento da comunidade universitária tem a sua parte, cada grupo tem a sua contribuição específica no esforço conjunto pela excelência.

Boa escola deve ter bons alunos, realmente motivados e envolvidos na aprendizagem. Devem ter igualmente bons professores, qualificados e dedicados, de todo interessados no ensino, em vista da promoção de efetiva aprendizagem. O corpo administrativo deve prover com entusiasmo o necessário apoio. À liderança acadêmica cumpre ter visão intelectual lúcida no levar a bom termo a sua política, na conquista de altos níveis de desempenho institucional, estando ativamente envolvida em obter e prover os adequados recursos. Apenas com a cooperação de todos os seguimentos da comunidade acadêmica se consegue alcançar patamares mais elevados de qualidade nas instituições educacionais.

É inquestionável também, atinente às universidades públicas, que a ausência de autonomia financeira constitui um excesso de controle burocrático a prejudicar o desenvolvimento do ensino.

2.4 O CRESCIMENTO DAS UNIVERSIDADES À DISTÂNCIA

Dentro do cenário atual, que se expressa em uma grande velocidade de inovação, insegurança, incertezas e fragmentação, é necessário criar novas formas de organização.

E é neste cenário, somado ao fato de muitas das universidades que existem hoje serem demasiadamente caras e as gratuitas não terem capacidade para todos, que as soluções de EAD surgem e são cada vez mais procuradas, uma vez que viáveis para muitas pessoas, seja no preço, o qual se torna mais barato em razão da ausência de estrutura física, gastos com material por parte da instituição ou de transporte e outros pelo estudante. A EAD é o caminho da democratização da educação. Estudar online vem se tornando uma realidade cada vez maior para muitos.

Estudar constitui uma experiência bastante descentralizada hodiernamente. A princípio, quando as universidades surgiram, quando o estudante queria ouvir alguém falar era preciso estar na mesma sala do interlocutor, quando se queria ter acesso a um livro, era necessário ir até a biblioteca. Mas isso já não faz mais sentido.

Se pararmos para pensar, hoje temos acesso a milhares de bibliotecas virtuais, e-books e compartilhamento de informações que acabam com possíveis barreiras físicas. Cada vez mais com o avanço de tecnologias novas, ideias surgem para oferecer uma nova experiência universitária.

A universidade está mais global e democrática, as **pessoas de qualquer parte podem ter acesso ao conhecimento**. É uma tendência que vem acontecendo nos últimos anos.

De 2009 a 2019, modalidade EAD teve salto de 378,9% em matrículas de ingressantes, mostra censo do Inep - um aumento de 4,7 vezes. Nos cursos presenciais, crescimento foi de 17,8%.

Em 2009, do total de novos estudantes no ensino superior, apenas 16,1% eram de modalidades EAD. Dez anos depois, o quadro mudou completamente: eles já representam 43,8% dos ingressantes.

Os números da EAD refletem um ciclo de expansão das instituições privadas e do segmento online.

O modelo de cursos remotos vem ganhando ainda mais destaque desde o início da pandemia, diante do fechamento provisório de escolas e universidades. A pesquisa divulgada, no entanto, mostra uma tendência anterior à Covid-19.

No Brasil, logo no início da crise sanitária causada pelo novo Coronavírus, o Ministério da Educação (MEC) publicou a Portaria Nº. 343/2020, dispondo sobre a **substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais** enquanto durasse a situação de pandemia.

Dessa forma, a disseminação da educação a distância no Brasil que já era uma realidade crescente há alguns anos devido às dificuldades encontradas pelos estudantes para realizar um curso presencial, agora a necessidade de isolamento social e as medidas legais adotadas pelo MEC consolidaram o ensino a distância, definitivamente. Porém, não podemos olvidar que essa migração de modalidade de ensino potencializada pela pandemia apresenta muitos desafios para que as instituições de ensino possam permanecer como uma opção de qualidade, mesmo pós pandemia do Coronavírus.

É preciso elas tenham uma plataforma confiável, um alinhamento pedagógico claro, equipe preparada para um novo jeito de ensinar e garantir que os alunos tenham acesso à internet de qualidade.

No aspecto tecnológico sabemos que o Brasil ainda tem muito a melhorar. São inúmeros os municípios sem acesso à internet ou quando a dispõem, funciona de forma extremamente precária.

Em maio de 2020 o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF divulgou pesquisa que mostra que 4,8 milhões de crianças e adolescentes, na faixa de 9 a 17 anos, não têm acesso à internet em casa no Brasil. O dado corresponde a 17% da população brasileira nesta faixa etária.

Noutro ângulo, é inegável que o ensino a distância exige muitas vezes competências e recursos tecnológicos específicos para o estabelecimento de metodologias eficientes que respondam às demandas dos alunos e do mercado de trabalho.

Para isso é necessário que as instituições de ensino capacitem seus professores para operar as ferramentas tecnológicas, para que elas se tornem aliadas e não um obstáculo no processo de ensino aprendizagem.

Por parte dos professores o que se vê é uma grande busca pelo conhecimento, mormente na área de tecnologia, com vistas a proporcionar um ensino de qualidade e atrair seus alunos.

O que se espera é que, mesmo após esse cenário de pandemia, os recursos continuem sendo utilizados, que o ensino EAD se expanda e atenda cada vez mais um número maior de alunos.

3. CONCLUSÃO

No decurso deste estudo, pudemos perceber que a docência é uma atividade cujos significados para o aluno assumem proporções que ultrapassam a sala de aula e perduram em sua formação.

O que orienta os docentes em sua ação pedagógica está vinculado com as respostas que ele dá àquilo que, para ele, é o fim último da formação do aluno.

Vislumbramos que o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na universidade é um processo de formação do ser humano, do profissional e do cidadão, isto é, de um indivíduo que desempenha vários papéis na sociedade.

Não se pode olvidar também que, quer o professor tenha consciência ou não, sua ação em sala de aula é uma ação de formação do homem, do profissional e do cidadão e por isso, é uma ação que ultrapassa a sala de aula.

Isso porque vivemos em uma sociedade em que, cada vez mais, se lida com grande volume e volatilidade de informações. Esta situação nos faz, mais uma vez, refletir sobre a importância de se transcender a transitoriedade da situação de sala de aula focada somente no conteúdo especificamente profissional e fazer dela a oportunidade para trabalhar uma formação mais completa do aluno, isto é, trabalhar a sua formação intelectual, moral e cultural.

Vemos que a universidade está mais digital, flexível e especializada. Com suas dinâmicas, quando o conhecimento vai ficando obsoleto cada vez mais rápido. As aulas tendem a ser menos teóricas e mais práticas, combinando o método presencial e on-line.

As Universidades têm que se adaptar aos novos métodos de formação, oferecendo aos alunos as facilidades necessárias. Neste sentido, as infraestruturas adquirem uma grande importância para

permitir aos estudantes diferentes tipos de formação, tanto presencial, como on-line e híbrida, além das plataformas necessárias para que a formação seja de qualidade.

Noutro aspecto, é inquestionável a necessidade de escolas que tenham como objetivo formar e capacitar os gestores, compartilhar melhores práticas de gestão, analisar as práticas visando aprimorar os processos e melhorar a efetividade da gestão institucional.

Finalizando, Moraes (2001), ao discutir a questão do conhecimento, afirma que os destinos da educação parecem estar diretamente articulados às demandas de um mercado insaciável e da sociedade dita do “conhecimento”. Como decorrência, os sistemas educacionais dos vários países sofrem pressões para construir ou consolidar escolas mais eficientes e aptas a preparar as novas gerações e, além da atualização do sistema escolar, a criarem mecanismos para uma Educação continuada, uma educação para toda a vida. Nessa sociedade do conhecimento a educação está sendo colocada como a salvação, em especial a universidade que tem a função de ser produtora e disseminadora do conhecimento.

Desse modo, espera-se para um futuro próximo que as universidades brasileiras estejam mais conectadas com a inovação, a investigação de novas ideias. Não há dúvida de que hoje em dia as universidades são um dos principais focos criativos, e será uma tendência que aumente no futuro, quando o talento será cada vez mais indispensável para ter destaque no campo empresarial e/ou profissional.

REFERÊNCIAS

- BRUINI, Eliane da Costa. "**Educação no Brasil**"; **Brasil Escola**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>>. Acesso em 30 de maio de 2019.
- ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos; PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no Ensino Superior**. Volume I. São Paulo: Cortez, 2002.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa Princípio científico e educativo**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FELTRAN, R, e MALUSÁ, S. **A sabedoria no melhor professor universitário**. In: FELTRAN, R e MALUSÁ, Silvana. **A prática da Docência Universitária**. São Paulo: Pioneira, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa**. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JULIATTO, Clemente Ivo. **A universidade em busca de excelência, um estudo sobre a qualidade da educação**. Curitiba: Champagnat, 2005.
- MARTINS, Evandro Silva. **A Etimologia de Alguns Vocábulos Referentes à Educação**. <http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/viewFile/182/183>. Acesso em: 27/06/2019.
- MORAES, Maria Célia M. de. Recuo da Teoria: Dilemas na Pesquisa em Educação. In: Revista Portuguesa de Educação CEEP: Universidade de Ninho. 2001.

Recebido em: 13/05/2021

Aceito em 23/05/2021

Publicado em: 01/06/2021